

A CENTRALIDADE ANALÍTICA DA CATEGORIA TRABALHO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

THE LABOUR CATEGORY ANALITICAL CENTRALITY FOR THE PHYSICAL EDUCATION

Carlos Herold Junior*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é levantar questões sobre a necessidade de se retomar a centralidade da categoria Trabalho para as análises em Educação Física. Com o surgimento das novas tecnologias produtivas baseadas na microeletrônica, a tendência de se questionar a centralidade desta categoria ganhou força, provocando reações tanto na Sociologia do Trabalho (Antunes, 2000, 2002) quanto na área de Trabalho e Educação, com as análises de Frigotto (1997,1998, 2001) e Kuenzer (1998). Com base nesses e em outros estudos, elaborou-se uma visão histórica da relação entre trabalho e Educação Física para, na segunda parte, problematizar essa relação na atualidade. A pesquisa mostrou que a categoria Trabalho deve fazer parte do repertório analítico dos professores de Educação Física para que esses não acabem endossando, com suas análises, relações sociais que inviabilizem qualquer preocupação com uma sociedade e uma educação efetivamente omnilateral.

Palavras-chave: trabalho. Corpo. Educação Física.

INTRODUÇÃO

A relação entre a educação do corpo e o processo de trabalho sempre foi fundamental para a área de Educação Física. Das preocupações em formar fisicamente o trabalhador, passando pelas constatações críticas dessa "instrumentalização" nas décadas de 80 e 90 e chegando até as teorias que vêem no lazer o *locus* privilegiado desses professores, pode-se verificar que o trabalho, em sua afirmação ou negação, é um ponto importante de análise.

O presente estudo tem por objetivo retomar historicamente esta relação para iniciar um processo fornecedor de subsídios que possibilitem entender as atuais relações entre corpo e trabalho de maneira crítica. Tendo como hipótese fundante desse e de futuros estudos o fato de as correntes análises negarem ou

considerarem de modo simplista a categoria trabalho como conceito explicativo da realidade humana, busca-se problematizar a temática partindo do pressuposto que no interior das atuais transformações do capitalismo, pautadas na investida do trabalho morto (materializado na máquina) contra o trabalho vivo, o trabalho possui caráter ontológico definidor da sociedade.

O estudo está dividido em duas partes. Na primeira, procura-se evidenciar como a Educação Física fora pensada no processo de construção da forma de trabalho da sociedade capitalista. Na segunda, pretende-se fazer um levantamento do atual debate sobre a importância explicativa do trabalho, lançando algumas possibilidades de costurar este debate com a intensa discussão levada a cabo pelos professores de Educação Física, sobre o papel

* Graduado em Educação Física pela UEM, 1995. Mestre em Educação pela UEM, 2000. Doutorando em Educação pela UFPR. Professor do Departamento de Pedagogia da Unicentro - Universidade do Centro-Oeste do Estado - Guarapuava, Pr.

do corpo e sua educação na sociedade regida por novas bases tecnológicas de produção.

Este tipo de análise é de grande importância, pois possibilita fornecer os fundamentos sobre os quais se constrói o debate a respeito da educação física escolar, suas metodologias, justificativas, bem como questiona a maneira como cada indivíduo percebe o peso das "mediações de Segunda Ordem", determinando e sendo endossadas pelas suas atitudes em relação ao corpo e ao trabalho. Mézráros, citado por Antunes(2002), ao falar sobre estas mediações, afirma:

É um sistema de mediações claramente identificável, o qual em suas formas convenientemente desenvolvidas subordina estritamente todas as funções reprodutivas sociais - das relações de gênero familiares à produção material, incluindo até mesmo a criação de obras de arte - ao imperativo absoluto da expansão do capital, ou seja, da sua própria expansão e reprodução como um sistema de metabolismo social de mediação (MÉZRÁROS apud ANTUNES, 2002, p.21).

Na área de Educação Física, assiste-se nos últimos vinte anos a um grandioso debate, que vem objetivando dar a estes profissionais um maior entendimento sobre sua prática e as vicissitudes sociais¹. Na década de 1980 surgiu um considerável número de estudos buscando os condicionantes históricos e sociais da disciplina para que, após, fosse construída uma metodologia que possibilitasse uma inferência consciente por parte destes profissionais na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Interessante observar que um dos motes mais presentes neste conjunto de idéias era o fato de a disciplina servir, até então, para um "adestramento" da força de trabalho, com o objetivo exclusivo de produção de lucro.

Observa-se, porém, que, apesar da importância destes estudos, a relação da disciplina com o processo de trabalho carece de estudos mais incisivos. Essa precisão deve ser buscada no esforço metodológico concretamente dialético²

¹ Ver OLIVEIRA, V. M. de. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas : Papirus, 1994.

² Para uma compreensão das preocupações metodológicas que orientam este estudo, ver

que, por sua vez, amplie as concepções de trabalho e complexifique as idéias pedagógicas fundantes e decorrentes da maneira como os homens se organizam para a produção social da existência³. Antunes (2002) enfatiza: "Como o sistema global do capital dos nossos dias abrange também as esferas da vida fora do trabalho, a desfeticização da sociedade do consumo tem como corolário imprescindível a desfeticização no modo de produção das coisas"(p.176). Ou seja, é no modo de produção capitalista, suas exigências e limitações que as questões referentes ao corpo e sua educação devem ser buscadas. É nesta busca, passível de ser feita pelo instrumental da Economia Política, que este estudo tem sua importância justificada. Com esse debate, espera-se evidenciar que discutir as questões relativas ao corpo e sua educação só assume a possibilidade explicativa e transformadora quando leva em conta o caráter objetivador e ao mesmo tempo alienante do trabalho na sociedade capitalista.⁴

A RELAÇÃO CORPO E TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

A educação do corpo passou a assumir um importantíssimo lugar no interior das

KUENZER, A. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do trabalho**. Petrópolis : Vozes, 1998.

³ Vale esclarecer que a relação educação física/trabalho, no início da década de 1980 passa a ser considerada tendo por base os referenciais do marxismo. Entretanto, como hipótese, observamos que, em vista do predomínio de concepções economicistas e mecânicas, a que se somam as vicissitudes políticas, sociais e filosóficas dos últimos dez anos, a maioria dos estudos privilegiam concepções irracionais, idealistas que redundam no positivismo.

⁴ Nesse sentido, critica FREDERICO: "... diversos autores marxistas retomaram acriticamente a identificação entre objetivação e alienação, sendo acompanhados pelos filósofos existencialistas que acreditavam ser a alienação um dado inerente à condição humana e não um produto histórico determinado e ser superado pela prática revolucionária do homem.". Essa não-diferenciação é o que leva os analistas a conceber o trabalho somente em sua feição negativa, alienante, desconsiderando que é também pelo trabalho que o homem constrói a si e aos outros, numa complicada gama de relações produtivas e sociais. In: JOVEM Marx. São Paulo: Cortez, 1995.

preocupações educacionais que tiveram lugar nos albores da sociedade capitalista. Autores como Rabelais, Montaigne, Locke, Comênio e Rousseau⁵ elaboraram importantes reflexões ao colocar a educação física como um dos baluartes da revolução que acontecia na reprodução material da existência.

Tendo como base uma nova forma de trabalho, esses autores, em sua maneira, tentavam dar conta das transformações então em curso, formando o "homem novo"⁶, obra e, ao mesmo tempo, construtor do novo metabolismo social. Nesse processo estava presente a preocupação com a formação para o trabalho. Resguardadas todas as diferenças, pode-se verificar que, no pensamento educacional moderno, o corpo aparece como uma preocupação, devido aos frutos econômicos que propiciaria. Força, saúde, beleza, enfim, todos os atributos conseguidos por uma educação física corretamente aplicada, redundariam em um indivíduo mais apto a produzir mais riqueza.

Por outro lado, na modernidade, a relação educação-trabalho deve ser considerada de forma mais complexa, contemplando a concretude das relações produtivas como a definidora dos discursos educativos⁷. Herold Junior (2001), ao analisar a educação do corpo no discurso educacional de Locke, verifica que a educação física proposta por esse autor, constante de exercícios, danças, cavalgadas, alimentação correta e banhos frios, diferia em muito do "processo educativo" entabulado pela Coroa e burguesia inglesa para "ensinar" o trabalho, que já caminhava para os moldes manufatureiros, para a nascente classe trabalhadora inglesa. Esta forma de "educação" pode ser vista em Marx, que n'A Chamada Acumulação

Primitiva (1994) esclarece que a expropriação dos camponeses, o ferro quente e as amputações que vieram com a "legislação sangüinária", foram os grandes "recursos pedagógicos" para a "educação física" dos trabalhadores da futura indústria.

O resultado desse processo de "educação física" manifestou-se, na prática cotidiana do trabalho, com a Revolução Industrial⁸. Adam Smith (1983), em várias passagens de Riqueza das Nações, já aponta que a referida "educação" redundou no processo de desqualificação do trabalhador. Esse processo de desqualificação preocupou o economista inglês⁹, devido à preferência, da parte dos proprietários, por trabalhadores "meio idiotas". Para Adam Smith, pensar em educação para o trabalho não teria nenhuma relação com o incremento produtivo, mas sim como a amenização dos malefícios causados pelo processo produtivo aos operários. Ele mesmo reconhece que a sua "preocupação" é vista pelos seus adversários como uma contrariedade em relação a uma "lei natural": a divisão do trabalho. Marx detalhou esse processo como constituinte inescapável do capitalismo, tendo como base o conceito de mais-valia, em *O Capital*.

O pensamento especificamente educacional também se alinha a essas posições debatidas na Economia Política. Rousseau, por exemplo, também erigiu seu pensamento já no interior do modo de produção capitalista, marcado pela desqualificação do trabalhador. Apesar de a burguesia francesa travar uma luta menos "gloriosa", mais sangrenta, com os resquícios da feudalidade, verifica-se que a belíssima proposta de educação física elaborada pelo pensador genebrino não era dirigida às classes trabalhadoras. Mesmo Emílio aprendendo um ofício, Rousseau enfatiza que para os "pobres" a melhor educação é a da sua própria condição. O sofrimento, a aspereza, as agruras do trabalho deixam o trabalhador mais

⁵ Sobre a educação nestes autores modernos ver HEROLD JR., Carlos. A educação física do ponto de vista da história. *Revista da Educação Física /UEM*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 59071, 1997.

⁶ Essa expressão é usada por BOTO, C. *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: UNESP, 1996. Tomamos a expressão porque o autores analisados no texto têm a sua luta concretizada com sucesso na Revolução Francesa.

⁷ Ver KUENZER, A. *Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo*. 2. ed. São Paulo : Cortez, 1992. Especialmente o capítulo 03.

⁸ Período em que as leis acima citadas já não se faziam mais necessárias, devido ao fato de o operário já ter interiorizado/naturalizado a forma de trabalho alienado.

⁹ É sobejamente conhecida a preocupação com a Moral por parte de Adam Smith. O próprio Marx não o considera um apologeta vulgar da burguesia.

próximo da natureza (sic), sendo ele, então, mais forte, saudável e menos "corrompido".¹⁰

No século XIX, quando as contradições do modo capitalista irrompem nas explosões revolucionárias da Europa, pode-se notar que a questão da educação do corpo e a sua relação com a prática de trabalho, crescentemente desqualificado pela objetivação do trabalho vivo na máquina, ganham um novo viés. No momento em que a deterioração das condições de trabalho e o processo de desqualificação do trabalhador alcançam índices humanamente inimagináveis¹¹, verifica-se o esforço para a criação dos Sistemas Nacionais de Ensino¹², iniciando-se o processo de oferta de educação e da educação física universalmente. Herold Junior (2000) verifica que, no interior deste debate, a preocupação com a educação física, tanto na Europa quanto no Brasil, foi contemplada com um discurso de elogio às benfeitorias trazidas para a saúde e "formação" do trabalhador. O que parece ser uma relação simples entre educação e trabalho, assumindo aquela o papel formativo para este, é totalmente dissipado por Guizot, um dos principais mentores do processo de criação da escola pública francesa no século XIX. Ao analisar as idéias de um educador italiano, Tasse, diz:

Diga a um selvagem, como primeiro preceito de educação, que ele deve ensinar seu filho a nadar, a atirar o arco, a manejar uma funda (arremesso de pedra); o selvagem zombará de você. Meu filho, responderá, aprende essas coisas sozinho, vendo o que faço, o que fazem meus vizinhos, o que fazem as crianças mais velhas que ele; é assim que tenho aprendido e que tinham aprendido meus pais. O que temos a fazer de uma educação que não nos ensinará senão o que nós sabemos

sem ela? Mas, ensine a esses selvagens, se for possível, não matar seu inimigo senão quando for absolutamente necessário, e não comê-lo após tê-lo matado, você lhe terá dado verdadeiros e úteis preceitos de educação. A teoria da educação não é senão um suplemento disso que nos devem ensinar necessariamente a prática da vida e a força das coisas que nos cercam e nos comprimem de todos os lados. [...] O mundo saberá bem fazer deste homem o que é preciso (GUIZOT, 1994, p. 6).

Guizot reconheceria que uma educação física que intencionasse formasse fisicamente o trabalhador estaria a ensinar o manuseio do arco a um selvagem.

No interior da reordenação das lutas históricas do capitalismo - já determinadas pelo medo do assalto revolucionário dos trabalhadores - pensar a maneira de se relacionar a educação pública, a educação física e a "formação" do trabalhador era problema urgente, com conseqüências mundiais; por isso, também na realidade brasileira os educadores esforçaram-se por aproximar essa problemática para as especificidades nacionais. Fernando de Azevedo (1915), em uma obra ímpar para a educação física, *A Poesia do Corpo*, esboçou um relacionamento mais complexo entre as necessidades da educação corporal no interior de uma sociedade onde o intelecto e a força do trabalhador já estariam materializados na máquina. Azevedo (1915) diz, referindo-se principalmente aos países capitalistas avançados: "O cérebro precisa mais do músculo do que o braço"(s.p, 1915). Assim, no final do século XIX e início do XX, observa-se que a importância da educação física e a necessidade do Estado em chamar para si essa responsabilidade eram questões constitutivas dos dilemas do capitalismo como um todo. A análise histórica¹³ evidencia que essa discussão culminaria no esforço de vários países do mundo em criar a disciplina escolar Educação Física, principalmente a partir de 1930, sobre a tutela do Estado keynesiano. Este, por sua vez, perdeu

¹⁰ Vivendo nas vésperas da Revolução Francesa, essa crença de Rousseau expressa o que Marx denomina de falta de reconhecimento à riqueza da nação A miséria do trabalho, na Chamada Acumulação Primitiva.

¹¹ Talvez, nem o realismo de Zola, em *Germinal*, tenha sido capaz de expressar o embrutecimento da classe operária no século XIX.

¹² Ver LEONEL, Zélia. **Contribuição à história da escola pública**: elementos para a crítica da teoria liberal da educação. 1994. f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da UNICAMP, Local.

¹³ Ver CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: A história que não se conta. Campinas: Papirus, 1984.

suas bases no esgotamento do modelo fordista/taylorista, a partir de 1970¹⁴, colocando, então, novos problemas para serem debatidos, sobre o complexo relacionamento entre as transformações produtivas no capitalismo e os rumos a serem assumidos pela educação e educação física.

AS ATUAIS POSSIBILIDADES DE APREENSÃO DA RELAÇÃO CORPO E TRABALHO

É no interior das reordenações para a solvência da nova crise da acumulação capitalista, a partir da década de 1970, que um novo modelo de Estado surge e uma nova organização produtiva ganha força. Conjuntamente, vê-se serem gestados a exigência de um novo perfil humano necessário e discursos/práticas educacionais sobre o corpo no trabalho, e fora dele.

Na atualidade, o conjunto de transformações que acontecem vem fornecendo base para que teóricos anunciem o nascimento de uma nova forma social: novas relações de produção e de troca, relações sociais, um novo homem, uma nova maneira de se relacionar com o corpo, enfim, uma nova sociedade. Porém, configura atitude altamente valiosa verificar se este discurso apreende o concretude das reordenações sociais da sociedade capitalista na busca do relacionamento entre o corpo e o trabalho e, se não, de que maneira ele, fenomenicamente, carrega em si relações sociais fetichizadas. Nesse sentido Kosik (1986) afirma que

A destruição da pseuconcreticidade - que o pensamento dialético tem de efetuar - não nega a existência ou a objetividade daqueles fenômenos mas destrói a sua pretensa independência, demonstrando seu caráter mediato (p. 20)

Para efetuar essa "destruição da pseuconcreticidade", considerar a centralidade analítica da categoria trabalho é condição necessária.

Verificou-se como a relação entre trabalho e educação do corpo foi apreendida por alguns estudos na área de Educação Física. Fazer o mesmo esforço na atualidade é mais complicado, haja vista que temos de buscar o mesmo entendimento no interior de transformações que ainda acontecem, cujos resultados não são conhecidos. Por outro lado, dentro das Ciências Sociais, há uma quantidade considerável de estudiosos que se aventuraram nessa tarefa de diagnosticar as correntes transformações na forma de trabalho, verificando as conseqüências desse processo no surgimento de novas (ou "novas") práticas educativas que estariam na base de uma nova (ou "nova") organização social ou na permanência das relações sociais organizadas pelo capital. Um desses autores, que goza de um grande sucesso editorial no Brasil, é De Masi (1999). O autor defende que a "velha" sociedade industrial não existe mais. O sociólogo italiano preocupa-se em encontrar a melhor definição que a "nova sociedade" deveria receber:

Os rótulos atribuídos à sociedade atual, aos estágios evolutivos da transição e às sociedades auspiciados são mais de trezentos e vão desde "sociedade do impasse"(M. Crozier) e "sociedade despreparada"(D. Michael), a "idade do equilíbrio"(L. Mumford), a "consciência III"(C. Reich), a "século casual"(M. Harrington), a "estado de entropia""(H. Henderson), a "sociedade narcisista"(Ch. Lasch), a "sociedade programada"(A. Touraine e Z. Hegeudus), a "sociedade pós-moderna"(J. F. Lyotard), a "cultura pré-figurativa"(M. Mead), a "sociedade pós-civil"(K. Boulding). Temos ainda a "sociedade pós-capitalista de R. Dahrendorf, a "sociedade do capitalismo maduro" de C. Offe, a "sociedade do capitalismo avançado" de Galbraith, a "sociedade sadia"de E. Fromm, a "sociedade ativa"de A. etzioni, a "sociedade pós-materialista" de R. Inglehart, a "sociedade tecnocrônica de Z. Brzezinski, a "terceira onda"de Toffler, a "sociedade dos serviços de J.

¹⁴ Neste sentido, diz Antunes (2002): "De fato, a denominada crise do fordismo e do keynesianismo era a expressão fenomênica de um quadro crítico mais complexo. Ela exprimia em seu significado mais profundo, uma crise estrutural do capital, onde se destacava a tendência decrescente da taxa de lucro [...]"(p. 31).

Gershuny e W. R. Rosengren, a "era de descontinuidade" de Drucker (DE MASI, 2000, p. 31).

Para o autor, o indício de que uma nova organização social está nascendo advém do incômodo causado pelos esquemas explicativos utilizados e elaborados no interior da sociedade capitalista industrial¹⁵. Entretanto, a própria incerteza das denominações acima citadas seria o fato de uma nova realidade estar sendo construída.

Seguindo a linha de pensamento de De Masi (2000), pode-se observar que essa aurora de um novo tempo, baseado nas revoluções tecnológicas, na diminuição do trabalho, e no aumento da produtividade, culminaria com o surgimento de um novo homem, com novas qualidades e exigências, propícias para a construção de uma ordem social mais justa e pacífica. Esse novo tempo, baseado na valorização do ócio, de um trabalho realizador da essência humana criativa, seria ou uma conseqüência mecânica do inexorável processo de desenvolvimento tecnológico, ou o resultado de um acordo entre os homens. Disso resulta um elogio a um novo perfil humano, baseado no conhecimento, na flexibilidade cognitiva, na comunicação, versatilidade etc.

Rifkin (1995), em "O fim dos empregos - O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho", defende que a atual crise de desemprego é inédita na história da humanidade, pela invasão de tecnologia em todos os setores da atividade humana. O que chama a atenção no seu livro é a riqueza das informações e dados empíricos com os quais sustenta seus argumentos para legitimar essa que é sua principal tese:

No passado, quando novas tecnologias substituíram trabalhadores em

determinado setor, novos setores sempre surgiam para absorver os trabalhadores demitidos. Hoje, todos os três setores tradicionais da economia - agricultura, indústria e serviços - estão vivenciando deslocamento tecnológico, forçando milhões de trabalhadores para as filas do desemprego (RIFKIN, 1995, p. 19).

Para o autor, o tempo livre ou de não-trabalho, na sua expressão cultural, aparece como o grande desafio. O ócio, considerado vício enquanto a humanidade teve necessidade do trabalho, vem se transformando em lazer, quando aquela necessidade vai deixando de existir. O significado disto para as relações sociais é profundo:

Durante toda a era moderna, o valor das pessoas tem sido medido pelo seu valor no mercado de trabalho. Agora que a mercadoria valor do trabalho humano está se tornando cada vez mais tangencial e irrelevante, em um mundo cada vez mais automatizado, novas maneiras de definir o valor humano e os relacionamentos sociais precisarão ser explorados (RIFKIN, 1995, p. 20).

A análise histórica mostra que, quando se falava em educar ou se preocupar com o corpo, o que estava em jogo era a capacidade produtiva (da burguesia). John Locke, por exemplo, ao falar da saúde, a via como um instrumento para uma maior quantidade de trabalho e de riqueza do homem de negócios. Sem a preocupação de formar para o trabalho, o sociólogo italiano, ao defender a educação do corpo voltada ao lazer, utiliza o mesmo recurso utilizado por autores como Montaigne e Locke, quando defendiam a educação do corpo voltada ao trabalho: o exemplo dos antigos gregos e romanos.

Para Platão, as matérias mais importantes a serem ensinadas aos jovens eram a Ginástica, porque harmonizava o corpo, e Música, porque refinava o espírito. Aristóteles acrescentava a Gramática e o Desenho, e, em seu tratado sobre política, recomendava: "A guerra deve ser em vista da paz, a atividade em vista do

¹⁵ Esse tipo de análise é o fundamento que pretende solapar a capacidade analítica da concepção dialética da história. Raciocinam esses autores que, com o surgimento de uma sociedade onde não há o predomínio do "fator econômico", a análise marxista deveria ser substituída por teorias que privilegiem os discursos, as linguagens, a cultura, a micro-história, enfim, esvazia-se a possibilidades da razão em compreender a totalidade histórica. Para uma crítica a estas tendências metodológicas, ver Kosik (1986) e Cardoso (2001).

ócio, as coisas necessárias e úteis em vista das coisas belas. É verdade que é preciso desempenhar uma atividade e combater, mas muito mais importante é estar em paz e em ócio, assim como fazer as coisas necessárias e úteis, mas mais importantes são as coisas belas (DE MASI, 2000, p. 315).

Bracht (1992), em um dos estudos de maior influência nos profissionais da educação física, endossa idéias que primam pela perda de centralidade da categoria Trabalho para entender a educação física:

Entendo que as mudanças a nível do processo produtivo e do processo de qualificação do trabalho, diminuíram a importância direta da Educação Física neste processo (aptidão física e habilidades motoras decrescem em importância para o processo produtivo, são cada vez menos solicitadas no trabalho). A reprodução da força de trabalho por sua vez, se dá muito mais através de uma vez mais necessária recuperação psíquica (BRACHT, 1992, p.49).

Completando o raciocínio, o autor conclui que, para uma Educação Física "autônoma", deve a "referência básica ou imediata deixar de ser o mundo do trabalho, e passar a ser o mundo do não-trabalho, o lazer." (BRACHT, 1992, p.49)

As críticas acima foram causa e consequência de um grande esforço dos professores de Educação Física em enxergar sua disciplina no interior das relações sociais. A educação física, a partir de então, passou a ser analisada, e combatida, como conformadora das classes dominadas, segregadora racial, mecânica, autoritária, violenta e... adestradora de mão-de-obra.

Por conta disso, a educação do corpo voltada para o lazer ganhou força. Impulsionadas pela indústria do esporte e pelas academias, que crescem sem cessar¹⁶, as ciências

¹⁶ Sobre o crescimento das academias e do grande número de procedimentos criados para o cuidado com o corpo, ver o artigo de COSTA, Sandra B. ; PALAFOX, Gabriel H. M. Características especiais da ginástica de academia no seu processo evolutivo no Brasil. **Revista da Educação Física da UEM**, Maringá, v.1, n.4, p. 54-60, 1993.

do corpo e a tecnologia voltadas para este fim também não param de crescer, mudando comportamentos e hábitos sociais¹⁷.

Tendo por base esse entendimento das transformações no mundo do trabalho e suas consequências para a educação e a educação física, a corporeidade aparece como temática privilegiada de estudos. Na atualidade vemos discursos surgindo sobre este objeto no sentido de denunciar a condição humana e a exploração ou desconsideração da corporeidade. Santin (1993) é claro neste sentido, ao afirmar:

A imagem da corporeidade de nossa cultura racionalizada, cientificizada e industrializada em nada garante o cultivo do corpo, ao contrário, o reduz a um objeto de uso, um utensílio, uma ferramenta a ser usada segundo a vontade de cada um ou, o que é pior, conforme os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos (SANTIN, 1993, p.55).

Morais(1993), ao fazer uma análise da situação da corporeidade na virada do século, também não poupa argumentos para verificar a forma como o corpo é tratado na sociedade do consumo:

[...] esta coisa perversa que vem sendo praticada pelo consumismo e que consiste em transferir o corpo em mercadoria instalando-o como mais uma das levianas modas da sociedade do lucro. Súbito, ficou na "moda" inquietar-nos com a temática corporal, como se só recentemente houvessemos passado a ser corpos no mundo. Todos podemos ver as explorações de marketing sobre este assunto, que têm resultado em rios de dinheiro e oceanos de distorções compreensivas (MORAIS, 1993, p.72).

Goldberg e Ramos (2002), ao analisarem a corpolatria na cidade do Rio de Janeiro, também

¹⁷ Chama a atenção a semelhança do processo que ocorre na sociedade como um todo com o que ocorre com as atividades corporais. O aumento da tecnologia e de resultados em ambos é acompanhado por uma proporcional exclusão social.

deixam bem claro quanto o corpo vem merecendo um determinado tipo de atenção:

Se, durante séculos, enormes esforços foram feitos para convencer as pessoas de que não tinham corpo, teima-se hoje, sistematicamente - após um longo período de puritanismo - em convencê-las de que o próprio corpo é central em suas existências e afetos. Tudo o que surge, a princípio, como uma nova possibilidade de controle pela cultura do processo natural de envelhecimento e decadência dos corpos, rapidamente se transforma em novas obrigações (GOLDBERG; RAMOS, 2002, p.33).

Tendo por base estas denúncias feitas, o presente se vê na luta contra um passado que se baseava na dicotomia corpo-mente ao propor práticas educativas. Essa luta, no entender de Moreira (1995), tem como referencial

[...] alguns pensadores contemporâneos (que) afirmam que neste final de século o homem está redescobrando seu corpo. Após séculos de dicotomia corpo-espírito, corpo-mente, sempre com privilégio na mente e no espírito, adentramos um período de busca de unicidade"(MOREIRA, 1995, s.p.).

A lógica implícita na relação entre o fortalecimento do discurso sobre a corporeidade e as transformações no mundo do trabalho é o fato de aquela estar presente quando este passa a ocupar uma quantidade menor de tempo ou passa a exigir mais intensamente qualidades intelectuais que corporais. O interessante é que a dita indivisibilidade do homem, buscada a todo custo, tem como corolário uma nova dicotomia. Tanto o corpo quanto a mente devem ser privilegiados: o corpo no lazer e a mente no trabalho. Para De Masi, a questão da relação homem-natureza, princípio do trabalho, se dá com base nas capacidades intelectuais, e não nas físicas. Isso ele deixa claro ao citar um eminente físico da atualidade:

Todos nós vemos e escutamos "a mais" graças a próteses, à televisão, ao computador. Hawking é quase uma metáfora viva do homem em relação à natureza: o homem, este eterno

deficiente, com as suas próteses consegue dominá-la. E é também uma parábola do homem pós-industrial na sua inteireza; onde o valor não está na capacidade física de correr, de lutar ou de dar socos, mas na capacidade intelectual de pensar. E, quando se tem esta capacidade, todo o resto é pura prótese (2000, p.195).

Em outra passagem esclarecedora da forma acrítica e até em certos momentos contraditória, em que a questão da corporeidade vem sendo refletida nas suas relações com as transformações produtivas, De Masi afirma:

Estamos nos precipitando(ou nos levando) na a-fisicidade. A tal ponto que começamos a negligenciar em demasia a nossa dimensão física. Só nos lembramos dela quando não a aceitamos por algum motivo. E então começamos a esculpi-la, porque descobrimos que dispomos de instrumentos necessários: recorremos a cirurgia plástica ou corretiva, às dietas para emagrecer ou engordar. Mas todos estes tipos de tratamento assinalam o predomínio da mente sobre o corpo. O corpo não prevalece mais sobre a mente, a isto não é mais uma hipótese, e sim um dado concreto (DE MASI, 2000, p. 211).

Esse conjunto de idéias, de onde é possível auferir um determinado esboço da maneira como a questão da corporeidade e sua educação é pensada em relação às transformações na forma de trabalho, é passível de crítica.

Frigotto (1997) questiona essas idéias sobre as transformações do capitalismo, afirmando:

Esta demanda real de mais conhecimento, mais qualificação geral, mais cultura geral se confronta com os limites imediatos da produção, da estreiteza do mercado e da lógica do lucro (FRIGOTTO, 1997, p.54).

Antunes (2002) também analisa este processo com um posicionamento crítico, ao constatar que "[...]têm sido frequentes as representações que visualizam nessas formas de (des)sociabilização novas e positivas dimensões de organização societal, como se a humanidade

que trabalha estivesse prestes a atingir seu ponto mais avançado de sociabilidade" (ANTUNES, 2002, p.15). Soma-se a esse fato a constatação de que as transformações concretas no mundo da produção não endossam a visualização do "tempo livre", tão elogiado por De Masi e Rifkin, e também presente nas considerações sobre a Educação Física escolar de Bracht (1992). No entender de Antunes (2002):

Apesar do significativo avanço tecnológico encontrado (que poderia possibilitar, em escala mundial, uma real redução da jornada ou do tempo de trabalho), pode-se presenciar em vários países, como a Inglaterra e o Japão, para citar países do centro do sistema, uma política de prolongamento da jornada de trabalho. A Inglaterra tem a maior jornada de trabalho dentre os países da União Européia, e o Japão, se já não bastasse sua histórica jornada prolongada de trabalho, vem tentando, por meio de proposta do governo e dos empresários, aumentá-la ainda mais, como receituário para a saída da crise (ANTUNES, 2002, p.34).

Assim, verifica-se que, sobre o processo de transformação da forma capitalista de trabalho há duas perspectivas: uma apologética, que abstrai desta transformação o advento de uma nova sociedade; e outra, crítica, que, ao ver nessas transformações um reordenamento da sociedade capitalista, procura analisar os discursos educativos decorrentes deste processo:

Os sinais do caráter de exclusão da reestruturação capitalista são tão fortes que nos induzem a procurar, para além da ênfase apologética da valorização do trabalhador e da sua formação geral e polivalente, qual é seu efetivo sentido político-prático (FRIGOTTO, 1997, p.46).

Paralelamente a este processo de transformações do trabalho, analisado com perspectivas diferentes, vê-se um determinado discurso que privilegia o corpo em toda a sua expressividade e importância educativa voltada para o lazer contra uma prática social e produtiva que, no passado, o instrumentalizou ao apropriar-se de suas capacidades fisiológicas e

expressivas e na atualidade o dispensa das práticas diretamente produtivas e o instrumentaliza para e pelo consumo. Devido a isso, o trabalho não seria, no entendimento dos estudiosos sobre a corporeidade contemplados nesse estudo, a categoria apropriada para aprofundar os estudos nessa temática.

A apreensão não crítica (sem conhecer as mediações entre esse discurso e a atual organização do capital) sobre os problemas da corporeidade por considerar a categoria trabalho de forma simplista ou por não considerá-la, pode levar aqueles que lidam com a Educação Física a colaborem com a construção do aparato ideológico das relações sociais capitalistas, que são percebidas, porém não escrutinadas até às últimas conseqüências, acarretando uma defesa da corporeidade que a vê simplesmente como característica e conquista de sujeitos ou grupos de sujeitos descolados do processo social de trabalho.

Acredita-se que pesquisas que objetivem a construção das categorias mediadoras entre as mudanças do mundo do trabalho - tomadas de forma crítica - e o discurso educacional da Educação Física, especificamente o da corporeidade, constituem-se em ponto de extrema relevância para a superação da "pseudoconcretude" de que fala Kosik (1986), no que diz respeito a esta dimensão educativa em tempos de "acumulação flexível". Dessa maneira, se sobre as transformações do mundo do trabalho tem-se uma análise apologética, ideológica, e uma outra crítica, pretende-se, com este estudo, fazer frente ao discurso sobre a corporeidade acima apresentado, contemplando, em outras análises, a categoria trabalho para um entendimento radical sobre a relação entre o corpo, sua educação e os desafios para a superação da sociedade capitalista.

APONTAMENTOS FINAIS

Este estudo apresentou-se com a intenção de estimular o debate sobre a valorização educativa do corpo, tendo por base o entendimento das transformações do processo de trabalho.

Verificou-se que a categoria trabalho, base para a importante mudança da orientação dos estudos na área da Educação Física a partir da década de 80, hoje é posta de lado, acarretando

um discurso que procura enfrentar os dilemas dessa dimensão educativa sem considerar nem o processo de objetivação nem o de alienação do homem no interior das relações produtivas sob a égide do capital.

Com a intenção de colaborar neste debate, elencaram-se algumas reflexões sobre as transformações no mundo do trabalho e a maneira como as práticas educativas, especificamente as da Educação Física, vêm apreendendo esse processo.

Sem intencionar a elaboração de uma "conclusão" sobre a temática, este estudo problematizou a questão ao fundamentar a hipótese de que, ao se defender um discurso sobre a corporeidade sem considerar o binômio objetivação/alienação do trabalho na sociedade capitalista, os professores de educação física, ao analisarem a relação entre sua atuação e os desafios históricos da sociedade hodierna, endossam, talvez sem pensar nesse resultado, relações sociais que oprimem e direcionam o corpo e sua educação para a lógica do capital e sua reprodução, o que, efetivamente, impede que a corporeidade seja contemplada de maneira a concretizar todas as suas potencialidades.

Com isso, o que se pretende é buscar subsídios para iniciar a construção de respostas - e também, de perguntas - mais contundentes, que, necessariamente, devem passar pela compreensão das formas que o capital utiliza para subsumir o trabalho e o indivíduo a suas

necessidades. O que se quer é colocar a análise sobre a corporeidade e suas implicações educativas em outras bases, tendo como pressuposto que

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, dada pela omnilateralidade humana, somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade. Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens e mulheres) sociais e livremente associados, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, *possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano*, na *multilateralidade de suas dimensões*. Em formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente (ANTUNES, 2002, p.177) (sem grifo no original).

THE LABOUR CATEGORY ANALYTICAL CENTRALITY FOR THE PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

The aim of this article was to discuss the need of getting the Labour centrality back to the physical education analysis. With the arising of new production technologies based on micro-electronics, the trend for questioning this category centrality has increased causing reactions on both the Labour Sociology (ANTUNES, 2000, 2002) and the Labour and Education fields with FRIGOTTO(1997,1998,2001) and KUENZER's (1998) analyses. Supported by these studies and other ones as well, a historical approach on the labour and physical education relation was performed, and, in the second part of this study, a current analysis of this relation was also carried out. The study showed that the Labour category should play a certain role in the analytical repertory of physical education teachers in order to allow them not to use their analysis to emphasise certain social relations that make any concern about a society and an education which effectively regards men in all aspects impossible.

Key words: labour. Body. Physical Education.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 7. ed. São Paulo: Cortez ; Campinas: UNICAMP, 2000.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

AZEVEDO, Fernando de. **A poesia do corpo**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.

BOTO, C. **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, 1996.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

- CARDOSO, C. F. Epistemologia pós-moderna: a visão de um historiador. In: FRIGOTTO, Gaudêncio ; CIAVATTA, Maria (Orgs.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1984.
- COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses**. Ijuí: Sedigraf, 1997.
- COSTA, Sandra B.; PALAFOX, Gabriel H. M. Características especiais da ginástica de academia no seu processo evolutivo no Brasil. **Revista da Educação Física da UEM**, Maringá, v.1, n. 4, p.54-60, 1993.
- DE MASI, D. **A sociedade pós-industrial**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2000.
- DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DE MASI, D. **O futuro do trabalho**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: UnB, 2000.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1986.
- FREDERICO, C. **Jovem Marx**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FRIGOTTO, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FRIGOTTO, G. Educação e formação humana: ajuste neoconvereador e alternativa democrática. In: GENTILE, P.; SILVA, T. (Orgs.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. A civilização das formas : o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GUIZOT, F. Das idéias de Tasse em relação ao pai de família. **Apontamentos**, Maringá, v., n. 23, p., 1994.
- HEROLD JUNIOR, C. A educação física do ponto de vista da história. **Revista da Educação Física /UEM**, Maringá, v.8, n.1 , p. 59-71, 1997.
- HEROLD JUNIOR, C. Dor e sofrimento como princípio educativo: estudo sobre a educação física no pensamento moderno. **Abra-se a novas idéias**, Guarapuava, v.1, p. 201-206, 2001.
- HEROLD JUNIOR, C. **Da prática social à prática escolar: estudo histórico da trajetória do pensamento educacional moderno sobre a Educação Física**. 2000. f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Fundamentos da Educação da UEM, Maringá.
- HOBSBAWN, E. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KOSIK, K. **A dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- KUENZER, A. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do trabalho**. Petrópolis : Vozes, 1998.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- MORAIS, J. F. R. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1993.
- MOREIRA, W. W. (Org.). **Corpo presente**. Campinas: Papyrus, 1995.
- OLIVEIRA, V. M. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas: Papyrus, 1994.
- RIFKIN, J. **O fim dos empregos**. São Paulo: Makron books, 1995.
- ROUSSEAU, J.J. **O Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org.). **Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1993.
- SMITH, A. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Recebido em 26/08/03
Revisado em 03/12/03
Aceito em 15/01/04

Endereço para correspondência: Carlos Herold Junior, Rua Barão de Capanema 70, bl 05, apto 22. Bairro Santa Cruz, CEP 85015-420, Guarapuava –PR. E-mail: carlosherold@bol.com.br